

NARRATIVAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
PROFESSORA/PESQUISADORA¹

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Resumo: A construção da identidade profissional é uma dimensão do sujeito, é o lócus de influências psico-socio-culturais que recebe e organiza as diversas mensagens transmitidas pelos diversos contextos e suas sobreposições. Neste trabalho busco explorar por meio das trajetórias e narrativas no/do cotidiano escolar/universitário o processo de construção da identidade de professora/pesquisadora.

Palavras-chave: Identidade profissional. Práticas cotidianas. Narrativas e trajetórias.

Abstract: Construction of professional identity is a dimension of the subject, is the locus of psycho- socio- cultural influences that receives and organizes the various messages transmitted by different contexts and their overlaps. In this work I seek to explore through the trajectories and narratives in / school / college daily the process of construction of teacher identity / researcher.

Keywords: Professional identity. Daily practices. Narratives and trajectories.

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático Formação e atuação docente do I Congresso Internacional de Educação, realizado pelo PPGE da Universidade de Sorocaba, no Campus Cidade Universitária – Uniso – Sorocaba, SP, nos dias 24, 25 e 26 de outubro de 2016.

A construção da identidade profissional é uma dimensão do sujeito, é o lócus de influências psico-socio-culturais que recebe e organiza as diversas mensagens transmitidas pelos diversos contextos e suas sobreposições.

As narrativas de vida construídas nos discursos e trajetórias dos “sujeitos da história”, sua “leitura de mundo” – conceitos fundamentais à pedagogia freiriana – marcam intervenções cotidianas nos diferentes espaços da vida social – dimensão política da educação pós-moderna –, sendo estas contribuições teóricas fundamentais e base política deste trabalho. Narrativas e trajetórias dos educadores põem em pauta outras possibilidades de reflexão/ação em proveito da perspectiva de uma educação para a autonomia, assim como possibilitam demarcar a construção de um processo identitário.

As trajetórias e narrativas são, portanto, o meio utilizado neste trabalho, tendo como base as ideias pedagógicas freirianas que afirmam a importância do conhecimento e reconhecimento de si como processo fundamental na constituição de sujeitos que praticam sua própria história; dos “sujeitos da história” (FREIRE, 1987).

Trata-se de narrativas recolhidas nas práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar, por onde circula uma variedade de pessoas, ideias, crenças, culturas, anseios. Uma verdadeira colcha de retalhos, tamanhas são as diferenças dos sujeitos que nele convivem. Essa colcha de retalhos é tecida em suas tramas por outras menores, que se emendam em fios tão tênues que nem sempre é perceptível onde se iniciam características de uma e onde terminam as das outras. Essas teias permeiam as relações cotidianas do indivíduo, aproximações com saberes e fazeres, estruturando suas formas

de agir no/sobre o mundo. Nesse mesmo sentido, construímos as redes de conhecimento, em relação às quais Nilda Alves (2012, p. 1) afirma:

[...] em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de *espaçostempos* diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos etc.

Essas narrativas foram captadas no campo-tema deste trabalho, dizem de minha própria formação, de meu percurso de vida e profissional. Ao narrar minha trajetória, aproprio-me da ficcionalização como forma de deixar que a escrita seja perpassada por pessoas, lugares, acontecimentos como um conjunto de múltiplas fontes que apresentam diferentes versões sobre o tema. Elas são recortes que evidenciam discursos e práticas pedagógicas, ou não, no cotidiano escolar. Entrecruzando os textos, abordam assuntos ora presenciados, ora ouvidos ou vividos por mim nos diferentes níveis de ensino, mas também se relacionam com memórias em que os eventos produziram repercussões, por isso “não são verdades, nem mentira, mas uma forma criativa [...] de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas” (REIGOTA, 1999, p. 80).

A partir dessa ideia inicial, começo a descrever o processo de construção da minha identidade de professor(a)/pesquisador(a).

Iniciei essa trajetória pelo território fértil da docência no final da década de 1990. Nesta época, estava formada e atuando como psicóloga clínica já fazia 15 anos. Apesar das crises, reconhecia-me com psicóloga, mas precisava ampliar minha práxis. Em crise

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

com a psicologia clínica, buscava novos paradigmas e cada vez mais me aproximava da psicologia social/comunitária; acabei sendo preceptora de alunos de um projeto de extensão multiprofissional para erradicação da hanseníase. Foi este processo de interlocução com alunos de graduação que me motivou a buscar qualificação acadêmica, o mestrado em Educação em Saúde, mas ainda sem me perceber como uma profissional da educação.

A imagem que tinha da pesquisa e do pesquisador(a) era de um profissional muito distante de minha prática, inatingível, que trabalhava em um espaço específico para a teoria, onde a prática seria algo menor. A dicotomia entre a teoria e prática estava arraigada na concepção hegemônica de educação que havia aprendido, e, apesar de sentir certo incômodo, não conseguia romper com ela.

Foi a partir desses incômodos que, durante este percurso, inicio reflexões referenciadas em algumas leituras que me faziam mergulhar no universo da docência, não me reconhecendo ainda como parte do grupo de professores(as). As reflexões teóricas provocadas pela companhia de autores como Paulo Freire, Félix Guattari, Michel Foucault, Marilena Chauí, Gilles Deleuze, Henry Giroux foram somando dúvidas e críticas aos modos como os processos educativos e investigativos eram vistos e muitas vezes reproduzidos, inclusive por mim mesma. A dicotomia entre teoria e prática começava a ser posta em cheque. Em 2009, ingresso Universidade Federal do Amazonas (UFAM) através de concurso público. É a partir de então que passo a viver cotidianamente o universo da educação. O cotidiano escolar/universitário passou a fazer parte de minhas práticas diárias e rotineiras, permeando minhas inquietações. Uma das maiores dizia

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

respeito à percepção da potência da educação diante das possibilidades de transformação do mundo.

A concepção de educação que é tratada neste texto guarda uma perspectiva eminentemente política do papel do professor, estabelecendo o compromisso com a subversão da ordem, das grandes verdades uniformizadoras e padronizantes, instigando a transformação pelos detalhes, pelos aspectos menores, pelo cotidiano escolar/universitário.

Minhas primeiras disciplinas ministradas na UFAM, em Coari/AM, estavam relacionadas à Saúde Pública. Era impossível, para mim, falar de uma teoria sem contextualizá-la na realidade local. A cidade de Coari estava no *ranking* das cinco mais ricas da região norte, chegando a superar algumas capitais, porém com um dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) da região. A discrepância era enorme. Assim, os temas de cada disciplina eram contemplados levando sempre em conta as vivências diárias e cotidianas da cidade, envolvendo desde o descarte de resíduos nos igarapés até o crescente número de acidentes de motocicletas, e o consumo de energia elétrica. A educação que era praticada por mim, neste momento, buscava uma perspectiva de construção de uma sociedade, mesclando a *prática/teoria/prática*, no sentido de analisar, de refletir sobre essas práticas pequenas, cotidianas. Pois elas exigem a reflexão, uma vez que trazem elementos para se aprofundar a teoria que se, por sua vez, delas se alimenta, ambas se transformando. Ficava cada vez mais visível a relevância social da educação em todos os espaços e práticas sociais, em todas as instâncias da vida. É por meio da educação que valores e práticas são reconstruídos e que novos e diferentes fazeres/saberes são veiculados. Portanto, todo “lugar” é espaço educativo e não só a escola.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Em Paulo Freire, percebemos a importância do pensar reflexivo, partindo de uma perspectiva crítica sobre si, demonstrando capacidade e a necessidade de criar novos caminhos e de aprofundar suas posições, incorporando novos parâmetros práticos e teóricos.

Freire, desde seus primeiros escritos, estava comprometido com a construção da consciência crítica, com uma nova maneira de educar que contribuísse para que as pessoas pudessem pensar a realidade vivida e fossem capazes de agir sobre ela, transformando-a – “é preciso aumentar o grau de consciência do povo, dos problemas de seu tempo e de seu espaço.” (FREIRE, 2001, p.28).

Trazer questões do cotidiano para dentro da universidade foi me levando a construir um caminho solitário em princípio, pois em meus espaços de trabalho não tinha pares. O diálogo acontecia apenas com os autores que tinha tomado para mim como aliados, mas, no dia a dia, tudo parecia cada vez mais impossível de se realizar.

Buscava uma educação que visasse à formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes, na promoção de uma educação política. Para isso, é preciso o entendimento mais abrangente das ações cotidianas, enfatizando a educação como uma ação global, onde o cidadão, ao tomar conhecimento de sua realidade, pensa sobre ela, para assim atuar conscientemente de modo a transformar o meio onde está inserido.

Mudei de estado e de cidade, fui trabalhar na Universidade Federal de São Carlos em Sorocaba/SP. Novos colegas de trabalho, novos ares, novas parcerias. Passo a integrar grupo de pesquisa Educação, Comunidade e Movimentos Sociais. Sigo em busca de pares. E percebo as transformações que venho sofrendo ao longo da vida.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

Passo a ministrar aulas para alunos de diversos períodos e percebo que os alunos dos semestres iniciais mostram-se cheios de curiosidade, dispostos a mergulhar no mundo. Infelizmente percebo que, no decorrer do tempo, vão se tornando embotados, a antiga curiosidade é substituída por regras (im)postas, conceitos rígidos, engessados, já que é isso que o mercado espera desses futuros profissionais.

Os alunos se tornam instruídos, aprendem a memorizar e a repetir o que os autores consagrados disseram, sem aprender com eles a criar, a descobrir, a pensar, o que os torna cada vez menos autônomos.

Educação e instrução não se excluem se completam. Mas a educação não se reduz à transmissão desses conhecimentos. Uma pessoa de posse de instrumentos pode ainda não estar apta a relacionar-se com o mundo e com a sociedade de maneira plena e autêntica; falta-lhe ainda uma postura diante da realidade. A formação do aluno se dá por um processo micro social, no qual é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebe essas mesmas práticas nos outros que participam do mesmo microcosmo do qual participa.

A dimensão política de minha atividade pedagógica passa a ser primordial no exercício da profissão de professora/pesquisadora, o exercício do posicionamento político em relação à realidade vivida. Paulo Freire, em sua obra, denuncia a expropriação do caráter social da educação por ideologias de sentido restrito, e aponta para a formação da concepção de educação como um ato político e transformador de si mesmo e do meio, em que a participação é o principal elemento de intervenção democrática sobre o contexto social.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

É neste contexto que ingresso no doutorado em Educação na Universidade Sorocaba (Uniso). Passo a integrar o Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação; nele, sinto-me acolhida, compreendida. O grupo de pesquisa articula-se à corrente pós-moderna da educação, o que permite utilizar como possibilidades metodológicas a etnografia, as narrativas, às biografias e inúmeras outras ferramentas, aspecto crucial para que me sentisse parte deste espaço acadêmico.

Amplio então meus “amigos” de reflexões sobre o pensar/fazer da docência. Passo a dialogar com Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Silvio Galo, Inês Barbosa de Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço.

Discutir, investigar, analisar a partir da proposta de um “estar junto com o objeto a ser estudado” encanta-me. Enveredo pelo estudo no/do/com o cotidiano escolar a partir de outras possibilidades, que não a condição de adoção de categorias e/ou estruturas de análise fechadas e acabadas.

Pesquisar o cotidiano escolar é um trabalho de buscar compreender as táticas e usos que os professores (as) desenvolvem no seu fazer pedagógico, penetrando de um modo peculiar nas relações de poder. Abdicando da busca de ‘ver’ a totalidade ou a verdade, a vida cotidiana nas escolas mostra-se justamente como espaço/tempo das práticas invisíveis ao olhar totalizante. Portanto, estudar e pensar as práticas que penetram nas brechas abertas nos espaços das redes de ordem e disciplina, tecidas pelos poderosos e explicadas pelos modelos de sistema, admitindo que sejam práticas que tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social.

Fazer isso implica questionar os caminhos que já conhecemos perceber seus limites e sublinhar a possibilidade de novas rotas. As ideias de rede de conhecimento e

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

tessitura do conhecimento em redes têm relação com a impossibilidade de identificarmos as origens do conhecimento em sua pluralidade.

Ser professor passa a ter, então, um caráter dinâmico, reflexivo, transdisciplinar, solicitando que aprendamos a articular os saberes de forma significativa, em proveito da transformação de um modelo de sociedade que privilegia poucos. Mas isso somente será possível se os cidadãos se perceberem como tais, isto é, se tiverem condições de acesso permanente aos conhecimentos e tecnologias produzidos pela sociedade e participarem efetivamente na construção das decisões sobre os rumos e formas da organização social e econômica. Para tanto, pensar por si, pensar sobre que acontece, é fundamental para o exercício da cidadania e para o exercício de si no mundo.

Nesse sentido, a educação é nossa melhor chance: ela nos habilita a compreender a nós mesmos e aos outros e as nossas ligações com um meio ambiente social e natural, potencializando a relação com o mundo e tudo o que o habita. Trata-se, enfim, ter uma perspectiva ecologista da educação.

É nesse caminho cheio de curvas que venho, dia após dia, construindo minha identidade de professora/pesquisadora em educação.

Referências

ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012

FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez, 2001.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

Recebido: 30/9/2019. Aceito: 25/11/2019.

Sobre autora e contato:

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira. Doutora em Educação, Professora da CCHB/UFSCar.

E-mail: adrianacaldeira@ufscar.br